

Em direção a uma explicação da alternância verbal dos verbos psicológicos*

Rozana Reigota Naves**

1 Introdução

Este trabalho procura contribuir, no âmbito da Teoria Gerativa, para a explicação do fato de que somente uma subclasse dos verbos psicológicos se submete à alternância verbal.

Os predicados psicológicos são constituídos por verbos diádicos cuja grade temática envolve um Experienciador e um Tema, ou um Experienciador e um Causador. Há dois tipos de predicados: os que não permitem a alternância verbal, doravante denominados predicados não-alternantes (exemplo (1)), e os que permitem a alternância verbal, doravante intitulados predicados alternantes (exemplos (2a) e (2b)):

- (1) Predicados não-alternantes:

O governo teme a inflação.

NP_{Exp} V NP_{Tema}

- (2) Predicados alternantes:

a. A inflação preocupa o governo.

NP_{Caus} V NP_{Exp}

b. O governo se preocupa com a inflação.

NP_{Exp} clítico-V PP

* Este trabalho foi apresentado, em formato de painel, no XV Encontro Nacional da ANPOLL, em 2000. A atual versão sofreu alterações em relação à versão original, em decorrência da continuidade da pesquisa sobre os predicados psicológicos desde aquela época.

** UnB/UCB.

A alternância relativa aos predicados psicológicos envolve, para um mesmo verbo, uma estrutura transitiva simples (2a), com o Causador na posição de sujeito e o Experienciador na posição de objeto (estrutura Experienciador-Objeto, doravante ExpObj), e uma estrutura com sintagma preposicional (2b), em que o Experienciador aparece na posição de sujeito (estrutura Experienciador-Sujeito, doravante ExpSuj).¹ Os verbos da classe de *temer*, por sua vez, só se projetam numa estrutura transitiva (1), com o Experienciador na posição de sujeito e o Tema na posição de objeto. Nenhuma outra construção, a não ser a passiva, é permitida para essa classe de verbos psicológicos, como podemos notar pelo exemplo (3), que é a estrutura encontrada na alternância dos verbos da classe de *preocupar*:

(3) *A inflação se teme com o governo.

Fenômenos como o da alternância, em (2), acarretam problemas para uma teoria lingüística que pretenda explicar como os argumentos de um predicado se relacionam com as posições sintáticas (*linking*).² A questão reside no fato de que há argumentos fortes, como o da pobreza de estímulos, por exemplo, para acreditar que a criança não aprende as relações temáticas para cada item do léxico, devendo, antes, haver princípios que norteiam esse processo e tornam automática a aquisição das grades temáticas pelos falantes. Dado isso, o problema é conciliar o fato empírico da alternância verbal com a hipótese de que os falantes não adquirem a grade temática dos itens lexicais caso por caso. Logo, o problema suscitado por verbos como os psicológicos, e pelos verbos alternantes em geral, diz respeito tanto à distribuição dos argumentos na estrutura sintática quanto à aquisição da linguagem.³

¹ O papel temático do argumento não-Experienciador é discutível. Grande parte dos lingüistas que trabalham com predicados psicológicos (Belletti & Rizzi 1988, Grimshaw 1990, entre outros) tratam-no como Tema, sendo indiferente se esse argumento aparece na posição de sujeito ou na posição de objeto. Pesetsky (1995), entretanto, na tentativa de resgatar a hierarquia temática, propõe um refinamento da análise semântica desses argumentos. Segundo essa nova análise, o argumento recebe o papel temático de Causador na posição de sujeito da estrutura ExpObj de um predicado alternante, de Objeto da Emoção (*Object of Emotion*) na posição de objeto da estrutura ExpSuj de um predicado alternante, e de Tema na posição de objeto de um predicado não-alternante. A hierarquia temática proposta por Pesetsky para os predicados psicológicos alternantes é: Causador > Experienciador > Objeto da Emoção. Neste artigo, não discutiremos o papel semântico do sintagma nominal introduzido pela preposição na estrutura ExpSuj dos predicados alternantes. Isso será objeto de pesquisa futura.

² O processo de atribuição de argumentos a posições sintáticas é conhecido na literatura como *linking*. Optamos por não traduzir esse termo neste trabalho, porque a tradução literal *ligação* já é utilizada para traduzir *binding*.

³ O fenômeno da alternância verbal extrapola o âmbito dos predicados psicológicos. Sobre outros tipos de alternância, ver Pinker (1989) e Hale & Keyser (1986, 1993).

Na tentativa de solucionar o problema da aquisição, foram formuladas hipóteses, baseadas na idéia de que a gramática universal (GU) seria a responsável pelo processo de *linking*.⁴ Essas hipóteses são interessantes do ponto de vista da aquisição de língua, mas não explicam os dados referentes às alternâncias verbais. O problema é que um mesmo item lexical pode se projetar em duas configurações sintáticas diferentes. No caso específico dos predicados psicológicos, os verbos da classe de *preocupar*, mas não os da classe de *temer*, apresentam essa característica.

O objetivo deste trabalho é analisar morfológica, semântica e sintaticamente os predicados psicológicos do português, a fim de explicar por que um certo grupo deles permite a alternância verbal, enquanto outro grupo não permite. As seguintes questões serão discutidas:

- (4) a. Dado que nem todos os verbos psicológicos permitem a alternância em (2), como os falantes nativos distinguem um verbo psicológico alternante de outro não-alternante?
b. Que características semânticas e morfológicas dos verbos estão envolvidas nessa distinção?

A nossa proposta é que: (i) a propriedade semântica dos predicados psicológicos relevante para a alternância verbal é a causatividade, que está sendo tratada como resultante do uso de um traço formal dos verbos que permitem a alternância; (ii) uma análise em termos sintáticos é necessária para os predicados psicológicos alternantes, o que é evidenciado por propriedades morfológicas dos verbos do português; (iii) a interpretação dos predicados psicológicos depende de como os traços formais dos verbos são usados pelo componente sintático da gramática, o que explica também as diferenças sintáticas entre as estruturas alternantes.

2 A interpretação semântica dos predicados psicológicos

Consideramos, neste trabalho, que as propriedades sintáticas dos verbos são determinadas pelo seu significado, uma idéia contida na formulação inicial do Princípio de Projeção (Chomsky, 1981), segundo o qual as configurações em que cada núcleo lexical

⁴ A mais rígida dessas hipóteses foi formulada por Baker (1988) e ficou conhecida como UTAH – *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis*: “Relações temáticas idênticas entre itens são representadas por relações estruturais idênticas entre esses itens no nível da estrutura profunda”. Outra hipótese, de formulação menos forte, porque propunha de previsibilidade e não identidade de representação, tinha sido proposta por Perlmutter & Postal (1984) e ficou conhecida como UAH – *Universal Alignment Hypothesis*: “Há princípios da gramática universal que predizem o *linking* inicial de cada argumento em uma dada oração a partir do significado dessa oração”.

ocorre, e que são determinadas pelas suas propriedades de atribuição de papel temático, têm de ser refletidas em cada nível sintático. Por esse motivo, uma análise semântica dos predicados psicológicos pode contribuir para a explicação do fenômeno da alternância verbal, de que parte deles participa.

Do ponto de vista semântico, os predicados psicológicos alternantes apresentam, na estrutura ExpObj, um significado causativo, explicitado pela presença de um argumento com papel temático de Causador. O mesmo não se pode dizer com relação aos verbos psicológicos que não permitem a alternância e nem com relação à estrutura ExpSuj dos predicados alternantes. Essa diferença pode ser notada pela comparação entre as paráfrases dos exemplos (1) e (2), transcritos abaixo em (5) e (6), respectivamente:

(5) O governo teme a inflação.

Interpretação Semântica: O governo tem medo da inflação.⁵

(6) a. A inflação preocupa o governo.

Interpretação Semântica: A inflação causa o governo ficar/estar preocupado.

b. O governo se preocupa com a inflação.

Interpretação Semântica: O governo fica/está preocupado com a inflação.

A interpretação causativa está, portanto, relacionada aos predicados alternantes, e não aos predicados não-alternantes. Isso quer dizer que os verbos da classe de *preocupar* têm um componente de significado relacionado à possibilidade de eles receberem uma interpretação causativa quando inseridos num certo tipo de construção sintática. Como, no português, o mesmo verbo ocorre nas duas estruturas alternantes (ExpObj e ExpSuj), podemos concluir que, *potencialmente*, esse componente de significado está presente nas duas estruturas.⁶

Várias evidências, apontadas na literatura como sendo propriedades de verbos causativos, comprovam o fato de que os verbos da classe de *preocupar*, e os seus correspondentes em outras línguas, são semanticamente causativos. Esses verbos passam por todos os testes:

⁵ Um dos pareceristas observou que existe, em português, uma interpretação semântica 'a inflação causa o governo ficar/estar com medo'. Nessa interpretação, entretanto, o denominador de *medo* é *amedrontar*, que é um verbo psicológico alternante. Enquanto *temer* significa 'ter medo', *amedrontar* significar 'causar medo'. É a partir da estrutura ExpObj de *amedrontar* que se origina a interpretação observada. A interpretação em (7) se refere, especificamente, ao verbo *temer*.

⁶ Mais adiante, apontaremos uma possível explicação para o fato de a interpretação causativa potencial dos verbos alternantes na estrutura ExpSuj não se verificar.

(i) Somente verbos causativos podem sofrer o processo de anti-causativização, em que o argumento externo é apagado e o sujeito superficial é o argumento interno do verbo:

(7) a. A inflação preocupa o governo.

O governo se preocupa (com a inflação)

b. O governo teme a inflação.

*A inflação se teme (com o governo).

(ii) Verbos causativos podem entrar na voz média, uma vez que possuem, em sua estrutura conceitual lexical, um evento relacionado à causação e, por isso, obedecem à regra de alternância lexical médio-ergativa proposta por Hale & Keyser (1987) ([X causa [Y sofrer mudança] (por...)] ←→ [Y sofre mudança (por...)]):⁷

(8) a. O governo se preocupa facilmente.

b. *A inflação se teme facilmente.

(iii) No inglês, somente verbos causativos permitem a adjunção de um argumento causal metonimicamente relacionado ao sujeito e introduzido por preposição:⁸

(9) a. The article angered Bill by its content.

'O artigo enfureceu/ irritou Bill pelo seu conteúdo'

b. *The children feared the storm by its noise.

'As crianças temiam o temporal pelo seu barulho'

(iv) A ligação excepcional de anafórico encontrada na estrutura ExpObj (em que há uma aparente violação do Princípio A da Teoria da Ligação, ou do que ele represente em termos de condições de legibilidade numa versão mais atual da teoria) é possível também em construções causativas perifrásticas:⁹

(10)a. As observações sobre si mesmos aborreceram João e Maria

b. As observações sobre si mesmos deixaram João e Maria nervosos

⁷ A noção de evento de que se fala aqui é de Hale & Keyser (1987). Mais adiante, retomaremos a discussão sobre haver mais de um evento para os predicados psicológicos alternantes.

⁸ No português, o exemplo (9b) parece gramatical, ou pelo menos, aceitável. A explicação pode estar no modo como o português trata certos tipos de adjuntos metonimicamente relacionados com o sujeito. Um exemplo interessante nos estudos do português do Brasil é a ocorrência disjunta, sem topicalização, de elementos que são interpretados como parte e todo: *O meu carro furou o pneu* em oposição a *O pneu do meu carro furou*, por exemplo. Não é nossa intenção discutir esse problema neste artigo.

⁹ Esses exemplos são de Zubizarreta (1992).

¹⁰ Essa propriedade foi notada por Pesetsky (1995), mas se aplica aos dados do português, como demonstra (10).

A propriedade causativa dessa subclasse dos verbos psicológicos também foi notada por Croft (1993). Esse autor propõe que os verbos alternantes apresentam um tipo semântico aspectual-causal diferente dos verbos não-alternantes. Em seu trabalho, Croft afirma que "os verbos experienciador-objeto são causativos: o estímulo faz o experienciador entrar num estado mental. [...] Os verbos experienciador-sujeito, por outro lado, são puramente estativos: o experienciador se caracteriza como estando simplesmente num estado mental, dado o estímulo".¹¹

Hale & Keyser (1999) também apresentam uma proposta de distinção entre os predicados experienciador-sujeito (não-alternantes) e os predicados experienciador-objeto (alternantes). Essa proposta baseia-se nas propriedades dos nominais dos quais derivam, por meio de incorporação lexical, os verbos psicológicos. Consoante os autores, no inglês, os verbos experienciador-sujeito derivam de nomes obviativos (no sentido de que o traço responsável pelo fato de serem experienciador-sujeito está lidando com o argumento interno), enquanto os verbos experienciador-objeto são deadjetivais. Essa diferença acaba se refletindo na sintaxe, uma vez que adjetivos, mas não nomes, projetam uma posição de especificador, fato que, segundo eles, possibilita a alternância verbal dos predicados experienciador-objeto.

Voltando à nossa análise, tomemos novamente os exemplos (6a) e (6b), repetidos abaixo:

(11) a. A inflação preocupa o governo.

Interpretação Semântica: A inflação causa o governo ficar/estar preocupado.

b. O governo se preocupa com a inflação.

Interpretação Semântica: O governo fica/está preocupado com a inflação.

Pela comparação desses exemplos, percebemos que, no caso da estrutura ExpObj, a interpretação causativa domina a interpretação estativa, posto que, em (12a), a experiência psicológica desenvolvida no Experienciador é o resultado de um processo de

¹¹ Aparentemente, na terminologia utilizada por Croft em seu trabalho, experienciador-objeto corresponde ao tipo de predicado a que estamos chamando alternantes, e experienciador-sujeito, aos predicados não-alternantes. Essa terminologia parece não estar diretamente relacionada, portanto, à referência que fazemos às estruturas ExpObj e ExpSuj, ambas encontradas nos predicados alternantes. Apesar disso, estamos adotando, neste artigo, a proposta de Croft quanto ao fato de os predicados experienciador-sujeito serem estativos, incluindo aí a estrutura ExpSuj dos predicados alternantes. A continuidade desta pesquisa poderá mostrar se, para esses casos, é necessário um refinamento da análise aspectual dos predicados psicológicos.

causação necessariamente desencadeado pelo Causador. Neste trabalho, consideramos, adotando a análise de Levin e Rapaport Hovav (1995), que os predicados psicológicos alternantes, em sua estrutura causativa, são bieventuais, ou seja, esses predicados contêm um subevento causal (E_1) associado a um subevento central (psicológico (E_2)). (13) ilustra esse fato:

(12) [A inflação causa [o governo ficar/estar preocupado.]] = A inflação preocupa o governo E_1 (CAUSATIVO) E_2 (PSICOLÓGICO)

Uma outra característica sintática das estruturas alternantes dos verbos psicológicos, associada à diferença de interpretação causativa ou estativa dessas estruturas, diz respeito ao aparecimento de um morfema pronominal clítico e de uma preposição, na estrutura ExpSuj (cf. exemplo (12b)).¹² Como esse fato só ocorre nessa estrutura, estamos considerando que é a ausência de um argumento Causador na posição de sujeito que provoca o aparecimento do clítico e da preposição. A presença desses dois elementos, associada ao fato de que o Experienciador aparece na posição de sujeito, não permite que se atribua a essa estrutura uma leitura causativa. Sistematicamente, o que os dados mostram é que, para se obter a interpretação causativa, um argumento com possibilidade de receber o papel temático de Causador deve estar na posição de sujeito, relegando o Experienciador à posição de objeto. A partir dessa constatação, a nossa intuição preliminar é a de que, quando esse argumento não ocupa a posição destinada a sujeitos com papel temático de Causador, a interpretação causativa potencial do verbo não se realiza e o morfema clítico e a preposição aparecem em decorrência disso.¹³

Em suma, a análise semântica das estruturas alternantes dos predicados psicológicos (causativa e estativa) implica duas propriedades sintáticas dessas estruturas: (i) a existência de um evento causativo que domina um evento estativo (psicológico) e (ii) o aparecimento de um morfema pronominal clítico e de uma preposição, decorrente da impossibilidade de haver uma interpretação causativa para o predicado psicológico, devido à ausência de um argumento Causador na posição de sujeito.

¹² É importante registrar que, em algumas regiões do Brasil, os clíticos têm apresentado uma tendência a não serem fonologicamente manifestos. É o caso do dialeto mineiro, para o qual registramos dados como *João preocupa demais com a mãe ou Eu apaixonou com aquele vestido*. Entretanto, estamos considerando que os clíticos, inclusive os não-manifestos, desempenham um papel sintático em relação aos predicados psicológicos alternantes do português.

¹³ Estamos adotando, para essa análise, a proposta de que o sujeito de um dado predicado pode ocupar diferentes posições sintáticas na estrutura, dependendo da interpretação que se quer obter. Para uma análise semelhante, V. Arad (1998).

3 Em direção a uma nova análise dos predicados psicológicos alternantes

A análise proposta aqui para os predicados psicológicos se baseia no conceito de traços formais (Chomsky 1995) e nos seguintes pressupostos teóricos, retirados de Lobato (1998):

- (i) a informação sobre a estrutura temática dos verbos envolve traços formais e
- (ii) construtos conceituais são composicionalmente derivados do uso dos traços formais.

Foi dito anteriormente que os verbos psicológicos alternantes apresentam uma grade temática <Causador, Experienciador> que os distingue dos predicados não-alternantes, cuja grade temática é <Experienciador, Tema>. Dado isso, é possível inferir que a informação temática desses verbos é relevante para a distinção das duas classes de predicados psicológicos. Essa informação, associada a uma certa configuração sintática, produz a interpretação causativa dos predicados alternantes. Ora, se as informações temáticas envolvem uma configuração específica de traços formais (pressuposto (i) acima), e se a possibilidade ou não de alternância para os predicados psicológicos tem relação com a informação temática dos verbos, então a configuração de traços formais de cada uma das classes de verbos é uma propriedade relevante para a análise desses predicados.

Também já foi mencionado que a análise bieventual de Levin & Rappaport Hovav para os verbos causativos pode ser aplicada aos predicados psicológicos e que a interpretação causativa (subevento causal) domina a interpretação psicológica (na terminologia das autoras, subevento estativo, já que elas não estão trabalhando com verbos psicológicos especificamente). A análise bieventual dos predicados alternantes implica que o argumento Causador está associado ao subevento causal e o Experienciador está associado ao subevento psicológico (cf. exemplo (12)). Dadas essas considerações e admitindo a hipótese de que há duas projeções sintáticas funcionais para argumentos (especificador do sintagma de Tempo, [spec, TP], e especificador do sintagma de Aspecto, [spec, AspP]), concluímos que o Causador ocupa a posição de [spec, TP] e o Experienciador ocupa a posição de [spec, AspP], o que resulta na seguinte configuração sintática para os predicados psicológicos alternantes:¹⁴

¹⁴ A proposta de as projeções funcionais para argumentos serem TP e AspP tem como referência Lobato (1998). Em seus trabalhos mais recentes (Lobato 2001, por exemplo), a organização básica é (CP, TP, AspP, VP).

- (13) [_{TP} Causador T-V [_{AspP} Experienciador Asp [_{VP} ...]]]

A evidência crucial na direção de uma análise em termos sintáticos (e não lexicais) para os predicados alternantes do português está na distinção entre o processo de formação dos verbos causativos lexicais, de um lado, e o dos verbos inacusativos e dos psicológicos alternantes, de outro. Essa distinção consiste no fato de que nem todos os verbos causativos conservam o mesmo radical na sua contraparte não-causativa:¹⁵

(14) Verbos causativos lexicais típicos

- a. *derrub* -ar X= [causar [X *ca* -ir]]
- b. *mostr* -ar X= [causar [X *v* -er]]

(15) Verbos causativos inacusativos

- a. *quebr* -ar X= [causar [X (se) *quebr* -ar]]
- b. *abr* -ir X= [causar [X (se) *abr* -ir]]

(16) Verbos causativos psicológicos (estrutura alternante ExpObj)

- a. *preocup* -ar X= [causar [X (se) *preocup* -ar]]
- b. *aflig* -ir X= [causar [X (se) *aflig* -ir]]

Pela análise desses exemplos, percebemos que o português traduz na morfologia a distinção semântica entre verbos de ação e verbos de mudança de estado (físico ou mental/emocional). Os verbos de ação, em (14), se caracterizam por formarem causativos a partir de intransitivos, sem conservar o radical desses últimos. Isso significa que a propriedade referente à causação, para esses verbos, já foi incorporada no léxico, pela alteração morfológica do radical. Na nossa análise, esse tipo de verbo projeta, na sintaxe, uma estrutura transitiva simples, em que o argumento na posição de sujeito recebe o papel de Agente e o argumento na posição de objeto recebe o papel-θ de Tema. Porque a interpretação causativa desses verbos é dada no léxico, a alternância verbal não pode acontecer:

- (17) a. A madeireira derrubou a árvore.
b. *A árvore derrubou.

¹⁵ Os exemplos mostram a interpretação semântica de alguns verbos causativos do português. Os radicais aparecem em itálico, destacados dos morfemas verbalizados. X representa o argumento afetado pela ação desencadeada pelo verbo (Tema ou Experienciador).

Os verbos de mudança de estado, em (15) e (16), por outro lado, caracterizam-se por serem formados a partir de suas contrapartes intransitivas (*quebrar(-se)*; *preocupar(-se)*), conservando integralmente o radical. O fato de não haver alteração na forma desses verbos implica que, nesse caso, a causativização é um processo sintático (e não lexical). Essa propriedade morfológica se reflete na sintaxe, uma vez que o argumento na posição de sujeito da estrutura transitiva desses verbos não recebe o papel- θ de Agente, recebendo, antes, o papel de Causador do evento descrito pelo verbo. No caso dos verbos psicológicos alternantes e dos inacusativos, a hipótese de a causativização ser um processo sintático explica o fato de esses verbos permitirem a alternância verbal:

- (18) a. O menino quebrou a vidraça.
 b. A vidraça (se) quebrou.
- (19) a. A inflação preocupa o governo.
 b. O governo se preocupa com a inflação.

Tomando o pressuposto (ii) exposto no início desta seção, consideramos que a noção de causatividade é um construto conceitual e que, por esse motivo, essa noção é composicionalmente derivada do uso dos traços formais. No caso dos predicados psicológicos alternantes do português, que permitem duas configurações sintáticas distintas construídas a partir de um mesmo verbo, ou seja, do mesmo item lexical, é inevitável reconhecer que os traços lexicais são os mesmos nas duas configurações alternantes.

O problema é explicar como, a partir de um mesmo verbo, chegamos a duas interpretações distintas: a causativa e a estativa. A única resposta possível, nesse caso, é que os traços relevantes, relacionados à interpretação causativa potencial dos verbos alternantes, estão sendo usados, pelo componente sintático, de formas diferentes em cada uma das estruturas alternantes (ExpSuj ou ExpObj). Considerando a estrutura proposta em (14), a explicação para a alternância verbal dos predicados psicológicos pode ser dada nos seguintes termos: o Causador em [spec, TP] ativa os traços do verbo relacionados à interpretação causativa e o resultado é a estrutura ExpObj (2a); a ausência do Causador em [spec, TP] não ativa esses traços, que ficam disponíveis para outras operações. Isso permite o aparecimento do clítico e da preposição, que operam com os traços disponíveis, propiciando a leitura estativa da estrutura ExpSuj (2b).

4 Conclusões

Este artigo tratou especificamente das propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas dos predicados psicológicos, tendo em vista explicar o fenômeno da alternância verbal de que uma subclasse desses verbos participa. Os aspectos cruciais desta proposta são os seguintes:

- (i) a informação temática dos verbos alternantes, em termos de uma configuração de traços formais, é relevante para a análise desses predicados;
- (ii) a noção de causatividade encontrada nos predicados alternantes deve ser explicada em termos sintáticos, dadas as propriedades morfológicas desses verbos no português, o que justifica a análise bieventual aqui proposta;
- (iii) a obtenção da leitura causativa ou da leitura estativa depende da forma como os traços formais e lexicais são usados pelo componente sintático da gramática, em cada uma das estruturas alternantes (ExpSuj e ExpObj).

Referências

- ARAD, M. (1998) *VP-Structure and the Syntax-Lexicon Interface*. Tese de Doutorado, University College, Londres.
- BAKER, M. 1988. *Incorporation: a Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- BELLETTI, A. & L. RIZZI (1988) Psych-verbs and θ -theory. *Natural Language & Linguistic Theory* 6, 291-352.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- . (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- CROFT, W. (1993) Case marking and the semantics of mental verbs. Em J. Pustejovsky, org., *Studies in Linguistics and Philosophy 49: Semantics and the Lexicon*. London: Kluwer Academic Publishers.
- HALE, K. & S. KEYSER (1986) Some transitivity alternations in English. *Lexicon Project Working Papers 7*, MIT, Cambridge (EUA). [Distribuído por MITWPL.]
- . (1987) A view from the middle. *Lexicon Project Working Papers 10*. MIT, Cambridge (EUA). [Distribuído por MITWPL.]
- . (1993) On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. Em K. Hale. & S. Keyser, orgs., *The View from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge (EUA): MIT Press.

- . (1999) *Bound Features, Merge and Transitivity Alternations*. MITWPL 35, MIT, Massachusetts (EUA). [Distribuído por MITWPL.]
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- LEVIN, B. & RAPPAPORT HOVAV, M. 1995. *Unaccusativity: At the Syntax-lexical Semantics Interface*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- LOBATO, L. (1998) *What the form of Portuguese past participles reveals about formal features and language development*. Ms., UnB, Brasília.
- . (2001) *Sobre as origens do português do Brasil: proposta de uma nova abordagem*. Conferência proferida na 53ª Reunião Anual da SBPC. Salvador, UFBA. [A sair em Boletim da ABRALIN.]
- NAVES, R. (1998) *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Construções com Verbos Psicológicos*. Dissertação de Mestrado, UnB, Brasília.
- PERLMUTTER, D. & POSTAL, P. M. 1984. The 1-advancement exclusiveness law. Em D. Perlmutter. & C. Rosen, eds., *Studies in Relational Grammar 2*. Chicago: University of Chicago Press.
- PESETSKY, D. (1995) *Zero Syntax: Experiencers and Cascades*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- PINKER, S. (1989) *Learnability and Cognition: the Acquisition of Argument Structure*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- ZUBIZARRETA, M.-L. (1992) The lexical encoding of scope relations among arguments. Em E. Werhli & T. Stowell, eds., *Syntax and Semantics 24: Syntax and the Lexicon*, 211-58. New York: Academic Press.